

**Me. Douglas Nogueira de Oliveira**



Universidade Estadual do Ceará,  
UECE, Brasil

[douglano1406@gmail.com](mailto:douglano1406@gmail.com)

**Dra. Fátima Maria Leitão Araújo**



Universidade Estadual do Ceará,  
UECE, Brasil

[fatima.leitao@uece.br](mailto:fatima.leitao@uece.br)

**Submetido em:** 01/07/2022

**Aceito em:** 22/08/2023

**Publicado em:** 14/11/2023

## EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO TELENSINO: A REALIDADE DO MUNICÍPIO DE OCARA-CEARÁ, NOS ANOS DE 1990

### RESUMO

Este artigo tem por objeto a análise das experiências de professoras/orientadoras de aprendizagem no âmbito do Telensino, na década de 1990, no município de Ocara. Referida escrita é parte de uma pesquisa mais ampla, que se estruturou por meio de uma metodologia qualitativa, de cunho analítico, fundamentada em fontes documentais, como as legislações educacionais vigentes no período do estudo, planos educacionais do município de Ocara e em produções acadêmicas referentes ao sistema de ensino que utilizava a televisão como principal ferramenta de transmissão do conhecimento, visando cumprir a obrigatoriedade de universalizar o então ensino de 1º grau, no estado do Ceará. Além das fontes documentais, foram realizadas entrevistas com quatro professoras que atuaram como orientadoras de aprendizagem nesse período. Neste sentido, foram utilizadas as narrativas docentes como opção metodológica, com intuito de obter informações sobre o Sistema de Telensino na década de 1990, no município de Ocara. A partir de suas reminiscências, foram abordados os reflexos da "Universalização", o papel e a atuação do Orientador de Aprendizagem, as dificuldades e os desafios enfrentados pelas docentes no contexto do Telensino para que os estudantes ocarenses pudessem continuar à educação escolar após a conclusão da 4ª série.

**Palavras-chave:** Orientadoras de aprendizagem. Telensino. Universalização.

## TEACHING EXPERIENCES IN REMOTE EDUCATION: THE REALITY OF THE MUNICIPALITY OF OCARA-CEARÁ, IN THE 1990S

### ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the experiences of teachers/learning mentors in remote education in the 1990s in the municipality of Ocara. This writing is part of a broader research project, which was structured using a qualitative, analytical methodology, based on documentary sources, such as the educational legislation in force at the time of the study, educational plans for the municipality of Ocara and academic productions referring to the education system that used television as the main tool for transmitting knowledge in order to comply with the obligation to universalize primary education in the state of Ceará. In addition to the documentary sources, interviews were conducted with four teachers who worked as learning advisors during this period. To this end, teachers' narratives were used as a methodological option to obtain information about the remote education system in the 1990s in the municipality of Ocara. Based on their recollections, the reflections of "Universalization", the role and performance of the Learning Advisor, the difficulties and challenges faced by teachers in the context of Remote Education so that Ocara students could continue their school education after completing the 4th grade were addressed.

**Keywords:** Learning coaches. Remote education. Universalization.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao adentrar nos estudos sobre a história da educação básica das últimas décadas do século XX, no estado do Ceará, destaca-se a presença do Sistema de Telensino, uma modalidade adotada nas escolas estaduais e municipais cearenses, por um longo período. Esse sistema foi implantado a partir da década de 1970 e teve o seu fim por volta de meados dos anos 2000. O propósito inicial do sistema foi o cumprimento da lei educacional nº 5692/71, que estendia a obrigatoriedade de oito anos, do então ensino de 1º grau, universalizando a oferta para todas as crianças em idade escolar (LIMA, 2001).

A carência de professores habilitados em todo estado fez com que o governo adotasse o ensino à distância como solução inicial para o cumprimento das metas exigidas (OLIVEIRA, 2009). Referida modalidade de ensino ocorria com as transmissões das aulas pela televisão. Para tal mister, durante o governo de César Cals (1971-1974) foi inaugurada a TV Educativa, canal 5, a qual foi criada com o objetivo de consolidar a oferta dos quatro anos finais do então ensino de 1º grau, hoje ensino fundamental. Além disso, deve-se destacar o papel exercido pelos Orientadores de Aprendizagem, na mediação dos conteúdos junto aos educandos na construção do conhecimento (FARIAS, 2000).

Com uma proposta voltada para desenvolver um educando crítico-reflexivo, esse sistema foi gradativamente se expandindo por todo Estado, até que entre os anos de 1993 e 1994, durante a gestão do Governador Ciro Gomes, ocorreu o processo de universalização do Telensino, o qual se caracterizou pela obrigatoriedade desse modelo educacional, em todos os municípios cearenses (LIMA 2001; SANTOS, 2001). Concomitante ao processo de universalização do Telensino, ocorriam significativas mudanças nas políticas educacionais de nosso País, que ocasionaram alterações nas propostas teóricas e metodológicas na condução do sistema educacional da educação básica cearense (FARIAS, 2000).

Esse sistema de ensino conviveu com uma série de críticas em virtude das inúmeras dificuldades estruturais enfrentadas por ele mesmo, resultando na mudança na atuação do papel do professor em sala de aula, deixando de ser um mediador entre os conhecimentos transmitidos pela TV e os Telealunos, tornando-se o expositor de conhecimentos, mesmo não detendo domínio suficiente para transmiti-los (LIMA, 2001; SANTOS, 2001).

Diante desse contexto, buscamos compreender o funcionamento do Telensino em Ocara-Ceará. As primeiras turmas desse Sistema foram implantadas a partir dos anos finais da década de 1970, com o intuito de oportunizar aos alunos do lugar, o ensino de 5ª a 8ª séries, pois, até então, só era ofertado a primeira etapa do ensino de primeiro grau, ou seja, até a 4ª série (OLIVEIRA, 1996). Portanto, nesta análise, focamos os anos de 1990, período de universalização do sistema de TV, nas escolas do recém-emancipado município ocarense, enfatizando principalmente as experiências e atuações de professoras que atuaram nessa modalidade de ensino.

Para o consecução de nosso objetivo, realizamos pesquisa bibliográfica e documental, além de entrevistas com 4 (quatro) professoras que atuaram como Orientadoras de Aprendizagem, e a partir de seus relatos, pudemos nos situar sobre questões cruciais a essa modalidade de ensino em Ocara, quais sejam: os reflexos sobre a "Universalização", o papel e a atuação do Orientador de Aprendizagem, as dificuldades e os desafios enfrentados pelos professores, tanto nos aspectos técnicos, quanto pedagógicos.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

A escrita que ora desenvolvemos é fruto de pesquisa, que se estruturou por meio de uma metodologia qualitativa, de cunho analítico, a partir das fontes documentais, como as legislações educacionais vigentes no período de estudo (Parâmetros Curriculares Nacionais, Diretrizes Curriculares Nacionais, Leis de Diretrizes e Bases etc.), Os Planos Educacionais do município de Ocara, das produções de pesquisas e escritas referentes ao Sistema de Telensino, e de seu funcionamento durante os anos 1990. Além das fontes documentais, apoiamos-nos em fontes orais, a partir de entrevistas realizadas com professoras ou orientadoras de aprendizagem.

Neste sentido, utilizamos as narrativas docentes como opção metodológica, com intuito de obter informações sobre o Sistema de Telensino na década de 1990, no município de Ocara, a partir das contribuições de docentes que atuaram ativamente no referido sistema. Essas informações orais advindas das experiências de professores representam, portanto, “uma possibilidade dessa perspectiva de produzir um outro tipo de conhecimento mais próximo dos processos educativos concretos e da vida da escola” (MOLINA, 2011, p. 43).

Para o desenvolvimento da metodologia das narrativas docentes, foram realizadas entrevistas com 4 (quatro) professoras, entre o final do ano de 2021 e início de 2022, que atuaram no Sistema de Telensino na década de 1990, no município de Ocara, independentemente de formação acadêmica ou de áreas específicas. Ressaltamos que os sujeitos da pesquisa são compostos, exclusivamente, de mulheres, pois a predominância feminina no exercício da docência era algo comum do período investigado. Em relação à amostra da pesquisa, foram escolhidas 2 (duas) professoras que moram e atuam como orientadoras de aprendizagem (OA) na Sede do município e 2 (duas) professoras que moram e atuam nas escolas da Zona Rural.

Para a coleta das informações, utilizamos entrevistas com um roteiro semiestruturado. Com três das quatro professoras entrevistadas, os depoimentos foram gravados presencialmente, nas suas respectivas casas, em formato de áudio. É necessário ressaltar que uma das entrevistadas permitiu a realização e a gravação de forma on-line, através da plataforma Google Meet, em virtude da distância e do difícil acesso, já que a sua residência está localizada zona rural ocarense. Salientamos que ao utilizarmos os depoimentos das referidas professoras para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por preservar seus respectivos nomes, as quais serão identificadas por nomes fictícios escolhidos por elas mesmas.

Sobre desenvolver a pesquisa com as narrativas docentes, Molina e Molina Neto (2012), afirmam que:

[...] significa romper com a racionalidade instrumental ou tecnológica da educação, porque contempla a natureza contextual, específica e complexa dos processos educativos à medida que coloca em privilegiado palco o significativo conferido pelo professor aos processos e à organização das dinâmicas escolares, além de considerar as dimensões dos posicionamentos éticos, morais, emocionais e políticos desses atores. A narrativa, portanto, é uma expressão individual da compreensão da vida [...]. (MOLINA, MOLINA NETO, 2012, p. 408)

Dessa forma, o método das narrativas docentes nos permite observar e analisar os aspectos subjetivos, que podem contribuir não somente na obtenção de informações valiosíssimas sobre o assunto estudado, como também nos permite perceber as demonstrações implícitas, como reações, expressões, significâncias, sentimentos e entre outras manifestações dos sujeitos investigados, que poderão desvendar muitas coisas que possam dar sentido às suas atuações na docência e evidenciar elementos que se faziam presentes no cotidiano escolar.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a década de 1990, o Sistema de Telensino continuava sendo a principal alternativa para oferta do então ensino de primeiro grau, em turmas de 5ª a 8ª séries, nas redes públicas do Ceará. A implantado nos anos de 1970 por iniciativa do governo do Estado, referido sistema foi se expandindo cada vez mais para as regiões mais distantes do Estado, possibilitando aos jovens estudantes, a continuação de seus estudos, antes limitados à conclusão da 4ª série, o que correspondia à primeira fase do ensino primário, hoje ensino fundamental.

A partir dos anos de 1993 e de 1994, durante a gestão do governador Ciro Ferreira Gomes, ocorreu a chamada “Universalização” do Telensino, a qual foi a principal forma de cumprir uma política educacional de suprir a carência de professores, e principalmente, de ofertar educação pública para todos. Ou seja, o Sistema de Telensino ou sistema de TV, foi expandido de forma acelerada e obrigatória para todas as escolas públicas cearenses.

Quanto ao Telensino em Ocara, essa modalidade de ensino foi implantada a partir do final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, quando ainda era distrito do município de Aracoíaba, localizado no Maciço de Baturité, após uma série de esforços da população do lugar para que fosse possível a introdução do ensino de 5ª a 8ª séries, já que a maioria dos alunos só estudava até a 4ª série. No final da década de 1980, Ocara havia se emancipou de Aracoíaba, momento em que já estava consolidada a oferta dessa modalidade de ensino nas escolas municipais de todos os rincões cearenses, para que os estudantes pudessem concluir o que chamamos atualmente de Ensino Fundamental.

No recém-emancipado município de Ocara, não havia professores com graduação. Porém, essa carência não era empecilho para atuar como orientador, pois para o próprio Sistema, os docentes, necessariamente, não eram obrigados a possuir formação em licenciatura plena para exercerem essa função.

Sobre o funcionamento e atuação docente no Telensino em Ocara durante os anos de 1990, nos relatos das professoras que atuaram como Orientadoras de Aprendizagem, são destacadas várias dificuldades estruturais enfrentadas pelo Sistema, apesar de sua implementação já ter ocorrido há vários anos. Os relatos das quatro professoras reforçam a situação deficitária das escolas municipais, o que corrobora com o que consta nos Planos Educacionais que foram elaborados com o intuito de direcionar as ações para melhorar o cenário da educação ocarense.

Refletindo a partir dos depoimentos das professoras entrevistadas<sup>1</sup>, há o consenso de que a “Universalização” do Telensino praticamente não modificou nada em relação ao

---

<sup>1</sup> As professoras entrevistadas tiveram dúvidas ou não souberam responder sobre o processo de “Universalização” do Telensino.

que já se vinha desenvolvendo anteriormente, porém, sua expansão contribuiu para a expor explicitamente as problemáticas inerentes ao ensino pela TV. Para a Professora Mariana<sup>2</sup>:

*[...] foi drástico isso, porque o professor, ele tinha que deixar de ser professor de uma única disciplina para ser o orientador de várias disciplinas. Então isso aí foi muita crítica em cima do sistema, muita crítica mesmo, na época. (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

Para os professores das escolas do Estado, essa ação governamental foi considerada uma atitude compulsória, resultando em questionamentos, protestos e insatisfação, já que esses profissionais não foram sequer consultados para saber se o Sistema não iria ocasionar prejuízos na atuação docente e na aprendizagem dos alunos. De acordo com Moura (2009, p. 89), "o Sistema de Telensino foi rejeitado por muitos professores, haja vista que a maneira como ele foi imposto, com universalização, causou surpresa e uma situação de desconforto entre esses profissionais".

Assim, uma das críticas mais ferrenhas dizia respeito à atuação docente, visto que o professor assumia suas turmas independente de possuir ou não formação específica em uma determinada área do conhecimento, tendo que estar de prontidão para orientar ou lecionar todas as disciplinas que eram ofertadas pelo Sistema. A professora Raniere<sup>3</sup> relata como acontecia a sua atuação como Orientadora de Aprendizagem, nos anos 1990:

*Nós éramos polivalentes, nós ficávamos com as mesmas turmas [...] A gente como professor, a gente tinha que ser professor de todas as disciplinas. Então nós tínhamos que assistir as aulas de todas as disciplinas [...] era muito difícil porque tem algumas disciplinas que você tinha mais afinidade e tem disciplina que você não tem. (Depoimento concedido em 12/01/2022)*

O relato da professora Raniere demonstra que a atuação como polivalente foi um dos dilemas vivenciados pelos professores que atuaram no Telensino, durante a década de 1990. As Orientadoras de Aprendizagem demonstravam ter dificuldades em conteúdos com os quais não apresentavam afinidade e/ou que não faziam parte de suas formações docentes. De acordo com Lima (2001) essa situação contribuiu para que esses profissionais convivessem com a insegurança e frustração de não dominar determinados conteúdos, que acarretariam prejuízos na aprendizagem dos alunos e perda de sua identidade.

Com relação a definição do papel do Orientador de Aprendizagem, as professoras responderam de acordo com a determinação do próprio Sistema, ou seja:

*[...] orientar, acompanhar, controlar e avaliar a aprendizagem dos telealunos, bem como coordenar a dinâmica da telessala, em que a maior parte do tempo é dedicada às tarefas de aprendizagem e formação do telealuno e o menor tempo dedicado à teleaula.*

Entretanto, a prática demonstrava outra realidade. Corroborando com Santos (2001):

<sup>2</sup> Nome fictício escolhido pela própria professora. De acordo com as próprias informações da referida professora, atuou na docência em Ocara entre os anos de 1979 a 2016.

<sup>3</sup> Nome fictício escolhido pela própria professora. De acordo com as próprias informações da referida professora, iniciou na docência no ano de 1991. Atualmente está aposentada de 40 horas, porém continua exercendo a profissão, contratada em uma escola do município de Ocara.

[...] os docentes eram constantemente solicitados pelos alunos a cumprirem o papel de “professor” na gestão de ensino uma vez que somente a emissão não cumpria a tarefa. Aqueles profissionais mergulhavam, então, em um dilema, pois ao mesmo tempo em que não conseguiam limitar-se à atribuição de Orientador, também eram impossibilitados de cumprirem o que consideravam ser o papel do professor. (SANTOS, 2001, p. 120)

As professoras que atuaram como Orientadoras de Aprendizagem durante a década de 1980, em seus depoimentos afirmaram que o Sistema proporcionava treinamentos e formações para os profissionais da docência do ensino televisivo. Geralmente, esses encontros ocorriam em Fortaleza ou em outras cidades próximas a Ocara, com duração média de 15 dias. Porém, Bodião (1999) faz uma crítica no que concerne a essas formações pedagógicas, pois tais formações estavam focadas principalmente as dinâmicas de grupo: “[...] Os cursos de habilitação têm se concentrado nos princípios pedagógicos e filosóficos do sistema e nas definições dos papéis e responsabilidades dos alunos e O.As., com ênfase especial para as dinâmicas de grupo” (BODIÃO, 1999, p. 161).

No contexto da denominada “Universalização”, ocorreu a reformulação no funcionamento do Telensino, visto a necessidade de atualizar as ações pedagógicas, as metodologias, os conteúdos curriculares nos Manuais de Apoio e nos Cadernos de Atividades, a organização da emissão das teleaulas e das produções televisivas, dentre outras ações que contemplassem as mudanças educacionais ocorridas nesse período. Neste sentido, os conteúdos das disciplinas continuaram sendo transmitidos pela TV no formato de módulos, sendo 4 exibições para cada turma, ao longo da semana, no seu respectivo turno e de acordo com os horários pré-definidos pela programação da TVC. Entretanto, nesse processo de reformulação do Sistema, as aulas integradas, que se tornaram marcantes durante o início do Telensino por adotarem uma abordagem interdisciplinar a partir do tema gerador, deixaram de ser exibidas durante a década de 1990.

Sobre a emissão das teleaulas, a professora Raniere descreve na sua fala, os momentos iniciais nas suas turmas, desde o instante em que o aparelho de TV é ligado, em virtude dos horários definidos pelo Sistema para exibição da aula, até o momento que acontece a exploração dos conteúdos. Ela detalha todo o processo:

*[...] você chegava de manhã na sala e quando eles chegavam àquela hora marcada tinha que estar com a televisão ligada para eles assistirem. Aí a televisão passava a mensagem e eles assistiam à aula. [...] Quando terminava a aula, eu fazia questões sobre a aula, durante a aula os meninos iam assistindo e eu ia anotando alguns pontos que eu achava importante. (Depoimento concedido em 12/01/2022)*

A professora Mariana descreve no seu depoimento que durante a reforma do Telensino, as aulas transmitidas pela TV foram aprimoradas com o intuito de chamar a atenção dos telealunos e, conseqüentemente, poderiam contribuir no processo de aprendizagem. Um dos exemplos desse aprimoramento das teleaulas, latente no relato da professora, foi a inserção de personagens que participavam juntamente com os professores-apresentadores no momento da emissão dos módulos de algumas disciplinas.

*[...] nessa época, com a reforma das aulas, eles botavam assim uma coisa que chamasse bem atenção do aluno. Por exemplo: as aulas, não sei se era de português, que era apresentado por dois bonequinhos, Além do professor né? O professor conversava. E o as aulas de geografia é*

*por "extraterrestre". Então era uma coisa assim bem... porque não tem, não é fora da nossa realidade, mas que um aluno acreditava nisso, né? Que tinha alguma coisa assim. Então era assim pra chamar atenção do aluno. (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

A professora Zenaide<sup>4</sup> também reforça a ideia de que as teleaulas eram interessantes, além de serem curtas e objetivas. Porém, ressalta que a agilidade na sua exibição e por não haver a possibilidade de repetição, eram fatores determinantes que geravam dificuldades de aprendizagem para os Telealunos:

*[...] era interessante para o desenvolvimento de alguns alunos. Principalmente para aqueles que conseguiam assimilar informação muito rápido, pois os módulos não se repetiam e aqueles que não compreendiam ficavam por isso mesmo [...]. (Depoimento concedido em 14/01/2022)*

Observamos, nas informações relatadas nas entrevistas que essas inovações não permitiram, de certa forma, que a maioria dos estudantes do Sistema usufríssem dessas nas teleaulas, como também não foram suficientes para suprir as carências cognitivas dos telealunos. Além disso, as falhas técnicas, como a queda de energia e do sinal de transmissão da TVC, atraso na entrega do material didático e entre outras, se tornaram constantes no dia a dia escolar.

As orientadoras de aprendizagem tinham que assumir a dinâmica da sala de aula, mesmo com a ausência do sinal, explicando e explorando os conteúdos propostos da aula do dia, já que no Sistema, as teleaulas eram organizadas por módulos, e não tinha como o professor retomar os assuntos da aula anterior.

De acordo com os depoimentos coletados e com as pesquisas realizadas sobre o Telensino, podemos observar que existe um paradoxo com relação ao sistema durante a década de 1990. Como a televisão era considerada uma das principais ferramentas pedagógicas dessa modalidade de ensino para transmissão das aulas, esta função não estava sendo "cumprida", em virtude das constantes falhas técnicas. Dessa forma, para que o ensino e aprendizagem dos alunos não fossem comprometidos, a responsabilidade de "transmissão" dos conteúdos ficou para o Orientador de Aprendizagem. Outro problema enfrentado pelos Orientadores de Aprendizagem e pelos telealunos durante a denominada "Reforma" do Telensino, era a falta e/ou atraso na entrega do material didático nas escolas. Essa situação tornou-se cada vez mais constante, principalmente entre os anos de 1994 e 1997, acarretando prejuízos no processo de ensino-aprendizagem das turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries das escolas cearenses e, especificamente, no município de Ocara.

Com relação ao atraso do material, a professora Zenaide relata que essa situação não só prejudicava os telealunos, como também os Orientadores de Aprendizagem, em virtude de não receber em tempo hábil, o que dificultaria o acompanhamento e as ações didáticas na telessala:

*Quanto ao material didático, os alunos recebiam os cadernos de atividade juntamente com os manuais de apoio. Já nós, professores, muitas vezes não recebíamos o material do professor, tendo que, muitas vezes, se contentar com a sobra do material dos alunos e ainda sim tínhamos que dividir o caderno de atividade e manual de apoio com os professores que lecionavam na mesma série. No período da reforma, nos anos de 96 a 97, esse material chegava atrasado. Ou*

---

<sup>4</sup> Nome fictício escolhido pela própria professora. A referida docente continua integrando o quadro efetivo de professores do município de Ocara. Segundo seus relatos, ao iniciar sua atuação na docência, a partir do ano de 1995.

*seja, na maioria das vezes o educando só recebia esse material no final do ano. (Depoimento concedido em 14/01/2022)*

Com relação ao atraso da entrega do material didático, Bodião (2001) constata que esse fator interferiu significativamente na atuação do Orientador de Aprendizagem, já que não tinha como cumprir a proposta metodológica de ensino determinado pelo Sistema de TV. Em virtude da carência desses recursos, esse profissional procurou várias alternativas para que os alunos tivessem acesso aos conteúdos abordados.

Ou seja, a demora na entrega do Manual de Apoio (MA) e do Caderno de Atividades (CA), que eram recursos didáticos fornecidos pelo Estado, associado às falhas técnicas para emissão das teleaulas, contribuíram para aumentar as críticas ao Sistema. Pois, como não podiam deixar os alunos sem aulas, os Orientadores de Aprendizagem passaram a atuar como “professores”, já que em determinados momentos não havia o sinal da TV e nem o material didático, o que resultaria na alteração na sua proposta de ensino e aprendizagem.

Outro elemento característico do Telensino que se fazia presente nas telessalas durante os anos de 1990 era a metodologia de grupo, considerada a principal forma de dinamizar a rotina da sala de aula, desenvolvendo a aprendizagem, a criticidade, a participação, a autonomia, a criatividade, a cooperação e a reflexão, que eram consideradas as metas essenciais para a formação do telealuno e do sujeito social.

A professora Mariana frisa que gostava de trabalhar com dinâmicas para atrair a atenção dos alunos e ressalta a importância dessa metodologia, a qual contribuía no despertar do senso crítico e o trabalho coletivo.

*Nessa época que eu ensinava, eu procurava usar sempre dinâmica, porque o aluno ele, ele tinha que ter alguma coisa que atraísse né chamasse atenção. Então a questão da dinâmica sempre, sempre, sempre, chamou a atenção do aluno. Eu sempre usava a metodologia do sistema, mas voltada para uma dinâmica mais aberta para o aluno, né. Também a questão do trabalho coletivo é um aluno eles trabalhavam, trabalhavam bem na questão do coletivo né? (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

Vale lembrar que o Sistema definia como salutar a organização dos alunos em equipes e designava funções específicas para cada grupo exercer durante a rotina da telessala. Dentre as principais equipes definidas pelo Telensino que deveriam ser organizadas em cada turma destacaram-se a de coordenação, a de avaliação, de síntese e de socialização. Poderiam existir outras equipes com outras funções, dependendo do quantitativo de alunos existentes na sala de aula. Quanto ao funcionamento dessa metodologia, a professora Zenaide explicita o que se segue:

*Os conteúdos eram distribuídos, os conteúdos, a gente fazia a distribuição por equipe. Cada equipe recebia nomes especiais, tinha uma equipe de socialização, recreação, jornalismo, apoio. Os alunos escolhiam ficar nas equipes por afinidade e o Orientador de Aprendizagem resolvia as atividades do quadro negro juntamente com os alunos, e tirava todas as dúvidas dos mesmos. (+) O ponto positivo era disseminação do conteúdo, pois os alunos que estavam nas equipes ‘tinham’ um líder e o mesmo iria repassar as informações para os demais da turma e assim acontecia que todas as equipes ficavam integradas com o conteúdo. [...]. Cada equipe tinha uma função específica. Cada equipe tinha um líder. Tinha equipes que ficavam responsáveis pra estudar português, matemática. E aí, aquele que tinha afinidade o líder, repassava para os*

*demais e ali depois a gente fazia um momento grupão com todos pra tirar as dúvidas que surgissem. (Depoimento concedido em 14/01/2022)*

Farias (2000) caracteriza que a ideia do trabalho em equipe, definido pelo Sistema Telensino com funções específicas e rotativas na telessala durante o ano letivo, atuando juntamente com o Orientador de Aprendizagem, tinha como metas a integração e o despertar da responsabilidade nos estudantes no processo do desenvolvimento do ensino – aprendizagem.

As equipes de trabalho apresentam-se, portanto, como uma estratégia de agrupamento dos telealunos em torno de uma dada finalidade com o objetivo de integrá-los e de responsabilizá-los no e pelo processo de ensino aprendizagem; é uma maneira de lhes conferir, de modo suave, a coautoria na construção da ordem pedagógica da telessala. (FARIAS, 2000, p. 95)

Além das funções específicas, esses agrupamentos poderiam ser utilizados também no processo de controle e na disciplina dos telealunos, o que reforçava as atribuições de responsabilidades no gerenciamento da telessala e no desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

[...] O que importa apreender aqui é que as equipes de trabalho se apresentam tanto na estratégia de controle quanto de cooptação do apoio do telealuno; estratégia de controle, de disciplinamento, na medida em que é usada pelo orientador de aprendizagem, para coibir, para chamar à responsabilidade, enfim, regular o comportamento dos telealunos durante o ensino-aprendizagem. (FARIAS, 2000, p. 95)

Em contraposição à citação acima, percebemos que as metodologias de grupos adotadas pelo Sistema de Telensino, em determinados momentos, não estavam correspondendo às expectativas durante o contexto da “Universalização”. Por serem utilizadas da mesma maneira em todos os dias e em todas as disciplinas, as aulas estavam cada vez mais repetitivas, monótonas e enfadonhas, interferindo no comportamento e no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. A professora Mariana, na sua narrativa, nos informou que essa metodologia funcionava bem no início do ano letivo. No entanto, ela diagnosticava que num determinado momento, essa ação em equipes não estava rendendo o esperado, pois ficava perceptível um certo desinteresse por parte dos estudantes em executá-la.

*Então, no início as equipes ‘funcionava’ muito bem, funcionava muito bem, no início eles funcionava muito bem. Aí então a gente percebia que os alunos, tinha aqueles alunos que gostava do sistema, e tinha também aqueles que não gostava, né, mas eles estavam lá, porque começava a perceber o desinteresse dos alunos, e também aqueles que [...] era atraído pelo sistema e aqueles que era retraído, que não gostava do sistema, né? (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

A referida professora ainda nos relata que em alguns momentos ocorria uma certa indisciplina em sala de aula, que possivelmente, poderia estar relacionada a essa falta de interesse e a essa aversão pelo Sistema por parte de alguns alunos. Para coibir essa reação,

ela nos relatou que adotava algumas estratégias para acalmá-los e em seguida, desenvolvia um momento de reflexão sobre o ato indisciplinar.

*Se o menino queria bagunçar, então “vamos bagunçar”, assim, quer dizer, os alunos estavam [...] muito “alvorçado” [expressão utilizada pela depoente] aí, começava a bater, então, bata [A PROFESSORA REPRODUZIA O BARULHO BATENDO NA MESA] vamos bater na mesa. Aí eles batiam, se acalmavam, e aí depois pronto. Então aquilo ali fazia com o que eles refletissem como era bom o silêncio, aí passava a ter o silêncio. Até então, tudo isso aí, a gente leva para sala de aula para tentar modificar aquela situação não estava tão bom. Então tudo isso era metodologia, era dinâmica usada para chamar atenção do aluno, né? (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

Diante as dificuldades relacionadas as falhas técnicas para a emissão das teleaulas, os atrasos nas entregas dos materiais didáticos, da metodologia de grupos, de alguns casos de indisciplinas nas telessalas e entre outras situações que atrapalhavam no processo de desenvolvimento de ensino e aprendizagem no contexto do Telensino nas escolas do município de Ocara, buscamos entender partir das falas das professoras, se elas utilizavam outras metodologias para oportunizar o acesso ao conhecimento e à educação escolar aos alunos.

De uma forma bem objetiva, a professora Alice<sup>5</sup> nos relatou que uma das metodologias que adotava quando não havia o sinal de TV era as aulas de campo. Segundo a professora, essa metodologia funcionava quando:

*[...] os alunos saíam no campo olhando alguma coisa que via lá fora pra trazer pra sala de aula e faziam as anotações deles e ali no grupo, e eles faziam os trabalhos deles [...]. (Depoimento concedido em 13/01/2022)*

Já na fala da professora Zenaide, observamos algumas ações metodológicas adotadas por ela nas suas aulas, no momento da ausência dos materiais didáticos:

*Adotávamos outras metodologias que viessem a favorecer a aprendizagem dos alunos. Na época da reforma, o material didático chegava atrasado, os alunos ficavam em círculo assistindo as aulas e, ao mesmo tempo, anotando informações fornecidas pela televisão, juntamente com professor. O mesmo pedia que eles repassassem as informações para o grupão, e o professor-orientador construía os textos coletivamente com eles. [...] A gente adotava algumas metodologias mais dinâmicas como: atividade de recreação, jornalismo, cada aluno ficava a parte para poder pegar a notícia do dia, e repassar para os demais, que a meu ver, tudo isso é uma forma de conhecimento, embora seja mais dinâmico do que só as atividades propostas pelo Telensino. (Depoimento concedido em 14/01/2022)*

Já no depoimento da professora Mariana, ela destaca que procurava adotar metodologias que envolviam dinâmicas, gincanas com questionamentos e disputas entre os alunos, além da utilização de músicas em suas aulas para chamar a atenção e despertar a aprendizagem dos alunos, principalmente nos momentos de ausência do sinal ou do material didático:

---

<sup>5</sup> Nome fictício escolhido pela própria professora. Segundo suas próprias informações, o seu tempo de magistério foi de 32 anos, tendo iniciado a partir do ano de 1972. atualmente está aposentada.

*A questão da dinâmica, a questão de disputa. Eu fazia muita disputa entre homem e mulher, mais só faltava "cair pau", porque ninguém queria perder. Mas aí, eles defendiam assim, numa coisa mesmo. Gincana, gincana, fazia de mais dentro da sala né? Assim com questão, é de resposta, de quem sabe mais é. isso aí é demais, "pegava fogo" dentro da sala. [...] A questão da música também era muito presente, eu gostava muito de cantar. Eu sempre gostei muito de cantar. (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

Se por um lado, as metodologias adotadas nos relatos das professoras – orientadoras para tornar as aulas mais dinâmicas eram consideradas ações formidáveis para atrair a atenção e a participação dos alunos, por outro lado, observamos que esse espírito lúdico e competitivo, tornou secundários alguns elementos cruciais defendidos pelo Telensino e que deveriam ser desenvolvidos nas aulas, como as discussões, o estudo e a própria aprendizagem. Ao analisar as metodologias lúdicas, de jogos e de caráter competitivo que foram utilizados pelos Orientadores de Aprendizagem durante a década de 1990, Bodião (1999) vê de forma crítica, pois ele considera que essas ações docentes são reflexos dos problemas operacionais relacionados à proposta do sistema.

Tal fato não chega a se constituir em novidade, uma vez que durante o curso de habilitação dos orientadores de aprendizagem, aí sim, surpreendentemente, forma as brincadeiras e os espírito lúdico que envolveram os O.As. dinamizadoras e os O.As. aprendizes. As discussões, os aprofundamentos e os questionamentos foram secundarizados em função das próprias dinâmicas e dos controles de tempos, o que pode estar indicando a existência de problemas operacionais oriundos da concepção do próprio projeto. (BODIÃO, 1999, p. 161)

Devemos salientar a importância da realização do planejamento das aulas por parte das orientadoras, seja para as ações metodológicas direcionadas pelo Telensino, seja para a elaboração e desenvolvimento de outras metodologias de aulas mais dinâmicas utilizadas nos momentos de falha do sinal, falta de material didático ou outro inconveniente, procuramos saber das professoras que atuaram como Orientadoras de Aprendizagem (OA) como elas se organizavam para planejar as aulas, mesmo não havendo autonomia para executar suas próprias metodologias. Em todos os relatos, as professoras entrevistadas afirmaram que planejavam as aulas, atividades, avaliações e demais ações pedagógicas em casa, geralmente no turno da noite ou nos finais de semana, já que trabalhavam o dia todo. A exceção era a professora Zenaide que, nos primeiros anos como Orientadora, trabalhava apenas em um turno e utilizava o outro para seu planejamento. Em seu depoimento, a professora Mariana descreve como se preparava e se organizava para atuar em sala de aula.

*A maior parte do planejamento era em casa, [...] o planejamento em si, assim de você trabalhar, você planejar suas atividades extra, suas avaliações, era sempre em casa, né? Eu sempre aproveitava bem o meu final de semana para preparar bem as minhas atividades, porque eu demorava muito para preparar as minhas coisas, muito mesmo. (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

Ressaltamos que todos os Orientadores de Aprendizagem do Estado do Ceará recebiam do Sistema nos cursos de formação, toda programação com o calendário das aulas, os encontros pedagógicos, fichas de avaliação e demais materiais de comando para

serem executados durante o ano letivo, o que, de certa forma, dava um subsídio para esse profissional desenvolver seu planejamento individual com certa antecedência. O que implica constatar que o orientador de aprendizagem, independentemente de qualquer empecilho, daria continuidade a execução das aulas, mesmo havendo a ausência no sinal, de falhas técnicas na TV ou qualquer outro problema referente, pois já deveria estar ciente da programação daquele determinado dia e deveria estar preparado para dar prosseguimento à rotina da Telessala.

Diante dessas situações enfrentadas pelo Orientador de Aprendizagem para desempenhar a função que não lhes eram atribuídas, em virtude das falhas do Sistema, Farias (2001) aponta que em determinados momentos houve um certo constrangimento por parte desse profissional, por apresentar dificuldades em determinados conteúdos específicos e, dessa forma, não contribuindo para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno.

Apesar da sistemática do telensino não atribuir ao orientador de aprendizagem a responsabilidade de transmissão do conteúdo, essa é uma atividade unanimemente exigida pelos educandos que não conseguem aprender apenas assistindo as teleaulas. Os telealunos têm dúvidas e o docente precisa saber do conteúdo para ajudá-los; muitas vezes a emissão falta por um período considerável e ele precisa assumir a tarefa de transmitir o conteúdo. Quando isso ocorre, o constrangimento do orientador de aprendizagem em relação ao conteúdo curricular acentua-se à medida em que o grau de dificuldade com os conteúdos específicos aproxima-se do patamar de aprendizagem dos telealunos, o que, registre-se aqui com certa frequência. (FARIAS, 2001, p. 159)

Nas condições apontadas acima enfrentadas pelos Orientadores de Aprendizagem, no que se refere ao domínio teórico dos conteúdos, possíveis constrangimentos deveriam impactar no desenvolvimento da aprendizagem dos telealunos e, conseqüente, na atuação docente. De acordo com Tardif (2010, p. 39): "o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado e sua experiência cotidiana com os alunos".

Sobre a relação professor-aluno no cotidiano escolar no contexto do Telensino na década de 1990 no município de Ocara, percebemos nas falas das professoras que de modo geral essa relação foi a melhor possível. Mesmo com as adversidades existentes relacionadas às falhas do Sistema, a alguns casos de indisciplina, as formas dos alunos de chegar à escola, a situação socioeconômica da população, e entre outras, são destacadas nos depoimentos das professoras, o respeito e a força de vontade e do interesse da maioria dos alunos em querer aprender.

Na entrevista que nos foi concedida, a professora Mariana relata que sempre teve uma boa relação com seus alunos, caracterizada pela amizade, companheirismo e cooperação, atributos que considera importantes para ter sido realizada na função de Orientadora de Aprendizagem.

*A questão professor e aluno: Eu, pelo menos eu, sinto que tive uma relação muito boa com os meus alunos. Assim, de amizade, de companheirismo, de cooperação, foi. Eu acho, quanto isso aí, não tenho dúvida nenhuma, que meu trabalho tem sido assim, podia ter sido melhor, eu sei*

*que poderia ter sido, mas foi muito bom, assim, a minha relação com os alunos. [...] Aí então, mas a minha questão particular, eu me sinto assim, realizada né? Enquanto eu estava no sistema, eu me realizei como orientadora de aprendizagem. (Depoimento concedido em 28/12/2021)*

No seu relato, a professora Zenaide destaca que o fruto da boa relação associada ao interesse dos alunos em querer estudar, seria algumas das razões de se sentir motivada em ensinar na época do Telensino em Ocara na década de 1990.

*O que eu vejo assim de bastante interessante e que marcou como professora naquela época, é a vontade de aprender dos alunos e aquela vontade de aprender, fazia com que a gente 'desse' aula com gosto, com vontade, com interesse e tudo que você fizesse ou dissesse para eles fazer [...] eles faziam e isso fluía tudo todo e qualquer conteúdo fluía. Porque eles tinham vontade, tinham interesse, eles tinham autonomia e era... e era bem interessante, você dá aula naquele período. Porque a gente contava com apoio deles. Embora a gente passasse por dificuldades, embora a gente tivesse dúvidas, embora a gente não tivesse o material todo tempo, toda hora. Mas o interesse e a vontade deles falavam mais alto e a gente conseguia, de forma coletiva, que esse conhecimento fosse repassado de forma bem dinâmica e bem interessante. (Depoimento concedido em 14/01/2022)*

Além de frisar a boa relação com seus alunos, a professora Raniere nos contou que que a maioria de seus alunos que estudaram pelo Telensino nas escolas em que atuou como Orientadora de Aprendizagem aprendiam o que lhes era ensinado. No seu depoimento, ela atribui que o interesse dos alunos em estudar contribuiu para uma relação saudável entre professor e aluno e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Além disso, outros fatores foram cruciais que motivaram os alunos a estudarem: a distância percorrida para chegar à escola; a realidade socioeconômico e educacional em que a população dessas localidades enfrentava e a motivação de almejar novas expectativas de vida através da educação escolar.

*Naquela época aprendiam. Mas porque que eles aprendiam? Não era a metodologia do Telensino, era a curiosidade de aprender. Eles tinham vontade de aprender. Eles tinham a necessidade de aprender. Por que pra eles estudar? Eles estavam suando, eles iam de bicicleta 2 (dois), 3 (três) quilômetros de bicicleta. Então o aluno vem 2 (dois), 3 (três) quilômetros de bicicleta para estudar ele só vem se realmente quiser aprender. [...] Era a necessidade que eles tinham de querer ser "alguém na vida", de querer ser melhor do que os pais. Eu tô falando assim [...] melhor dos que os pais assim [...] o meu pai é analfabeto. Se eu tenho a oportunidade de estudar pra ser melhor do que o meu pai, eu vou terminar o 2º grau [...] eu vou fazer uma faculdade. Eu via isso aí nos meninos. A vontade de ser uma coisa melhor. Deus o livre viver só da agricultura, (que era a base, nessa época a base era a agricultura). Pra eles não viverem só da agricultura, eles queriam ser professor. Porque naquela época eles já viam que o professor era uma profissão que dava pra eles viver melhor. (Depoimento concedido em 12/01/2022)*

Ao analisarmos a atuação das docentes no Sistema de Telensino no município de Ocara nos 1990, percebemos que os professores conviveram com uma série de dificuldades e desafios para a promoção do processo ensino-aprendizagem. Essas dificuldades relacionavam-se, principalmente, pelas falhas técnicas e os entraves que se interpunham ao processo de readequação do sistema para atender as políticas e demandas educacionais no contexto dos anos de 1990. Porém, mesmo com os seus problemas, essa modalidade de

ensino possibilitou que diversos estudantes ocarenses pudessem cursar os últimos anos do ensino fundamental, dando prosseguimento nas etapas seguintes da educação escolar, o que propiciava novos rumos para as suas vidas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Destacamos, neste artigo, o quão foi importante o Telensino para a educação de Ocara, mesmo com as inúmeras dificuldades e desafios enfrentados por todos que se encontravam inseridos no contexto escolar. De acordo com os relatos das docentes entrevistadas, o sistema permitiu aos jovens do lugar a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos nas últimas séries do então ensino de 1º grau. Na visão delas, o Sistema era a única opção naquele contexto para ampliar e contribuir com a formação cognitiva e crítica dos educandos, além de possibilitar a transformação de suas realidades, seja no aspecto social, seja no aspecto educacional.

A televisão foi salutar nesse processo educacional, pois através desse recurso tecnológico, os estudantes tiveram a oportunidade de assistirem as aulas das disciplinas ofertadas e, ao mesmo tempo, permitiu que o governo cearense buscasse uma alternativa para suprir a carência de professores qualificados em áreas específicas para trabalharem nas escolas. E foi nesse contexto que surgiu a figura do Orientador de Aprendizagem (OA), o qual mediava as informações das teleaulas, por meio da aplicação de uma metodologia de grupos, que pretendia ser desenvolvida de forma dinâmica, interativa e debatedora, visando o desenvolvimento da participação mais incisiva dos educandos sobre os conteúdos abordados, relacionados principalmente sobre o cotidiano e a sociedade dos cearenses, para que assim, fosse despertada, principalmente a autonomia e o senso crítico dos estudantes.

Porém, o artigo destaca também que o ensino pelo sistema de TV adotado nos anos finais do atual Ensino Fundamental, foi alvo de críticas, desde os primeiros anos da sua implantação até os últimos anos de sua existência. Dentre as principais críticas, destacamos, as falhas técnicas, como os problemas com o sinal de transmissão da TV e falta de energia nas escolas; os atrasos na entrega dos materiais didáticos produzidos pelo Estado a lentidão ou falta de suporte técnico e pedagógico para os Professores/Orientadores de Aprendizagem; as dificuldades dos professores em relação ao domínio de determinado conteúdo para sanar as dúvidas dos alunos. Com isso, fica nítido que estes problemas afetavam bastante o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, principalmente nas escolas do interior do Estado, descaracterizando a proposta inicial de uma educação de qualidade idealizada pelo sistema.

Mesmo com uma série de problemas, o Telensino teve sua importância para a educação de Ocara. Ao observamos os relatos das quatro professoras que entrevistamos e que atuaram como Orientadoras de Aprendizagem nas escolas que hoje correspondem o atual município de Ocara, principalmente durante a década de 1990, que o Sistema, mesmo com suas características próprias, com suas próprias metodologias e com as dificuldades e desafios enfrentados por todos que estão inseridos no contexto escolar, elas ressaltam que foi de suma importância para que os jovens do lugar tivessem a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos nas últimas séries do então 1º grau. Pois, na visão delas, o Sistema era a única opção naquele contexto para que os jovens pudessem ampliar os seus estudos, de contribuir numa formação cognitiva e crítica, além de possibilitar a transformação de suas realidades, seja no aspecto social, seja no aspecto educacional.

Portanto, devemos destacar o papel dos professores no desenvolvimento de uma educação que seja significativa para a formação dos educandos no nosso país, no nosso Estado e, especificamente, no município de Ocara. Mesmo com uma série de dificuldades e de desigualdades que se fazem presentes numa sociedade, à qual é caracterizada pelos valores do capitalismo e em que os nossos representantes políticos não dão a importância necessária ao tema, percebemos que o desenvolvimento educacional conduzido pelos professores, seja através do Sistema de Telensino ou no modelo convencional, acontece nas salas aulas com o intuito de promover a qualificação necessária e a construção da formação de um aluno crítico, reflexivo e, autônomo para assim desempenhar o seu papel de cidadania em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BODIÃO, I. S. Isto também é Telensino (Algumas reflexões sobre o cotidiano das classes de 5ª a 8ª séries de uma escola da rede pública estadual do Ceará). **Educação em debate**, Fortaleza, v. 21, n. 37, p. 157-168, 1999.

FARIAS, I. M. S. de. A ação docente pelos caminhos da história do Telensino no Ceará. **Educação em debate**. Fortaleza, v. 20, n. 36, p. 67-81, 1998.

FARIAS, I. M. S. de. Existe docência no telensino? *In*: FARIAS, I. M. S. de; NUNES, J. B. C., CAVALCANTE, M. M. D. (org.). **Telensino**: Percursos e polêmicas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

FARIAS, M. I. S.; de. **Docência no Telensino**: saberes e práticas. São Paulo: Annablume, 2000.

LIMA, K. R. R. Telensino: a quem serve? *In*: FARIAS, I. M. S. de; NUNES, J. B. C., CAVALCANTE, M. M. D. (org.). **Telensino**: Percursos e polêmicas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MOLINA, R. K.; MOLINA NETO, V. Pesquisar a escola com narrativas docentes e grupo de discussão. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 402-413, 2012.

MOURA, I. L. de C. **A automatização da educação**: o telensino e a precarização do trabalho docente. 2009. 123 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

OLIVEIRA, D. N. de. **O Sindicato dos Servidores Públicos e o Poder Local no Município de Ocara (1993-2005)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2006.

SANTOS, E. Crise de identidade e mal-estar docente no Telensino. *In*: FARIAS, I. M. S. de; NUNES, J. B. C., CAVALCANTE, M. M. D. (org.). **Telensino**: Percursos e polêmicas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.